



Os rios e a vida: percepções para uma educação ambiental

Wagner Fonseca¹
Carlos Renato Carola²

Resumo: O presente artigo busca demonstrar as diversas percepções construídas ao longo da história sobre esses elementos naturais tão fundamentais à vida: os rios. Dessa forma analisando perspectivas históricas e literárias que envolvem a existência dos rios para além de um olhar unicamente geográfico ou “natural”, estabelecendo assim possibilidades de entender os rios como sujeitos ativos no pensar humano. Almeja-se que tais percepções provoquem inquietações quando voltadas à educação, em especial as questões ambientais que, muitas vezes, tendem a uma visão puramente naturalista.

Palavras-chave: rios; educação ambiental; meio ambiente.

Rivers and Life: Perceptions of Environmental Education

Abstract: This study presents the variety of perceptions built throughout the history of mankind about these natural elements so essential to life: rivers. It analyzes historical and literary perspectives that involve the existence of rivers beyond a singular geographical or "natural" view that establishes opportunities to understand rivers as active subjects in human thinking. It is hoped that such perceptions cause restlessness when it comes to education, in particular the environmental issues that often tend to a purely naturalistic view.

Keywords: rivers; environmental education; environment.

Los ríos y la vida: percepciones para una educación ambiental

Resumen: El presente artículo busca demostrar las diversas percepciones construidas a lo largo de la historia sobre esos elementos naturales tan fundamentales a la vida: los ríos. De esta forma analizando perspectivas históricas y literarias que involucran la existencia de los ríos más allá de

¹ Professor de História e Sociologia da rede pública estadual há 14 anos, recém concluinte de mestrado em Educação. E-mail: wfmorales1984@hotmail.com

² Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e Departamento curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP, 2004). Desenvolve pesquisa em História Ambiental e História da América Latina. E-mail: crc@unesc.net

una mirada únicamente geográfica o "natural", estableciendo así posibilidades de entender los ríos como sujetos activos en el pensar humano. Se espera que tales percepciones provoquen inquietudes cuando se dirigen a la educación, en especial las cuestiones ambientales que a menudo tienden a una visión puramente naturalista.

Palabras clave: ríos; educación ambiental; medio ambiente.

Introdução

Os rios compõem uma história. Melhor dizendo, os rios compõem histórias, elencam personagens e evocam memórias. São os rios também frutos dos nossos olhares. Completando, os rios podem ser muito mais frutos de nossas ações e de nossas histórias do que apenas um elemento na paisagem de nossa percepção. Enfim, é o rio este ente concreto aos nossos sentidos e também um “quê” abstrato em nossos pensares.

A literatura oferece um grande campo de análise para quem sobre ela se debruça por ser rica em simbologias e interpretações de fatos históricos diversos. Mais além, figura riquíssimo acervo de imagens sobre as relações entre ser humano e natureza, no caso proposto, os rios. A trajetória humana acompanha a sinuosa trajetória dos rios. Desde os tempos mais remotos vemos que os mitos de cada cultura – indígena, africana, grega, judaico-cristã, indiana...- sempre reservaram um lugar para os rios nas narrativas da origem da vida.

No decorrer da história muitas imagens foram moldadas sobre os rios, criando no imaginário coletivo diferentes percepções sobre a sua existência em meio às sociedades que lhes deram tantos sentidos, criaram conceitos, nomes e significados e tanto a história quanto a literatura souberam representar a presença marcante dos rios entre nós. A divisão do presente artigo obedece, de certa forma, esse caminho onde nos debruçamos, num primeiro momento, sobre algumas construções imagéticas perante esse elemento natural tão peculiar no desenvolvimento dos mais diferentes povos, sociedades e nações. As representações dos rios extrapolam a tradicional ideia de movimento, envolvendo-os em uma miríade de símbolos.

No segundo momento, analisamos os lugares ocupados pelos rios e suas águas na história, na forma como foram pensados enquanto sujeitos, históricos ou mesmo *a-*históricos. Destacamos, assim, o papel dos rios para a historiografia brasileira, porém, devido ao espaço reduzido, tais questões são apenas pontuadas para demonstrar este campo de análise que, embora esteja presente, ainda é pouco estudado.

Por fim, explicitamos brevemente alguns momentos literários de algumas obras brasileiras que versam sobre os rios: o poema de João Cabral de Melo Neto, “*O rio*”, o

conto de João Guimarães Rosa, “*A terceira margem do rio*”, e um trecho do livro “*Menino de engenho*”, de José Lins do Rego. Entrementes, como não poderíamos deixar de lado, pontuamos outras contribuições literárias de diferentes poetas e escritores no desenvolvimento do presente trabalho. Entender e pensar a presença dos rios na literatura nos traz também um ponto de discussão para a educação ambiental tão debatida à luz da relação escola e meio ambiente. Por esse motivo trazemos na parte final do artigo discussão sobre os PCN em relação à água, elemento essencial ao falar-se sobre os rios.

A poética dos rios no pensamento humano

Aquele que não respeita o pássaro, a montanha e a água dos rios, que causa danos à terra e envenena o próprio ar que respira, despreza a vida maravilhosa. Não sabe mais ver a beleza simples das coisas, que acompanha cada gesto da vida e protege o homem desde sua infância, como um pássaro de asas de ouro. (BOURRE, Jean-Paul. **Princípios de vida**: tradição indígena norte-americana. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 2005)

Pensar no rio é pensar num fluxo, contínuo, um eterno devir, parafraseando o filósofo pré-socrático Heráclito – quase como um lugar comum – de jamais podermos nos banhar duas vezes no mesmo rio. Suas águas passam, são movimento, assim como é o próprio movimento da vida. Essa ideia é uma representação possível da imagem e da presença do rio como elemento da paisagem e também como recurso literário. Um movimento que molda a paisagem por onde o rio vive, sem podermos desligar a ideia de rio da essência que o compõe: a água. Do ditado popular Gilberto Freyre faz a água “amolecer” a terra: “Onde a água faz da terra mais mole o que quer: inventa ilhas, desmancha istmos e cabos, altera a seu gosto a geografia convencional dos compêndios” (FREYRE, 2004, p. 45).

Na Utopia de Thomas More (1478-1535), o teólogo e escritor inglês apresenta detalhes surpreendentes sobre a cidade de Amaurota, uma das 54 cidades que constituem seu paradigma de sociedade ideal. A descrição caracteriza uma relação relativamente harmônica entre o ambiente natural e o cultural. A cidade de Amaurota, relata Rafael (o personagem fictício de More), “se estende em doce declive sobre a vertente de uma colina”; acima do cume da colina, ela “prolonga-se cerca de dois mil passos sobre as margens do rio Anidra”. A nascente deste rio, situado a 80 milhas acima da cidade, não é muito abundante, mas seus afluentes o tornam um rio mais exuberante, principalmente “dois de grandeza média” (MORE, 2004, p.61).

O Anidra atravessa a cidade e se desemboca no mar. Entre a cidade e o mar, o curso do rio se modifica singularmente. Durante a maré crescente, o mar invade o leito do rio jorrando parte de sua “vaga salina” amarga. Mas aos poucos o Anidra se purifica e leva “à cidade uma água doce e potável, e a reconduz inalterada até perto de sua embocadura, quando a maré baixa”. Além do Anidra havia um outro rio que perpassava pelo perímetro urbano de Amaurota; era um rio pequeno, “mas belo e tranquilo”; e entre as duas margens do Anidra havia uma ponte de pedra, “construída em arcadas maravilhosamente curvas”. (MORE, 2004, p.62).

Recurso literário, recurso natural, recurso econômico, mito, fonte de lembranças, torrente de emoções, a simples menção da ideia de rio remete a uma torrente de evocações simbólicas. O rio sempre é mais do que é dito sobre ele.

Barlow sabia que ver um rio equivale a mergulhar numa grande corrente de mitos e lembranças, forte o bastante para nos levar ao primeiro elemento aquático de nossa existência intrauterina. E, com essa torrente, nasceram algumas de nossas paixões sociais e animais mais intensas: as misteriosas transmutações do sangue e da água; a vitalidade e a mortalidade de heróis, impérios, nações e deuses. (SCHAMA, 1996, p. 253)

Conforme Simon Schama, o poeta estadunidense Joel Barlow (1754-1812), leu vários estudos sobre a água, mas não perdeu essa noção diversa do conhecimento científico e soube incorporá-lo em seu trabalho. Mais que um elemento natural, água, estudado, medido, analisado, o rio é fluxo, é o simbolismo do “elemento transformador do indivíduo” (VERUNSCHK, 2008).

Como objeto simbólico e concreto, o rio tem o seu espaço e sua voz é “vivificada” na literatura. Personificado, torna-se a representação da Natureza por seus interlocutores, a liberdade que se manifesta: “Os rios me deixaram descer onde queria”, no poema “*O barco embriagado*” de Arthur Rimbaud (2002, p. 59); ou “personificação de si próprio”, no caso do rio Capibaribe do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto. Porém, vai além da representação, quer seja individual, quer seja coletiva, portanto, social. Marcos Reigota (1998, p. 12) afirma, a partir de S. Moscovici (1976), que uma representação social é o senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde se incluem também os preconceitos, ideologias, e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas.

E o senso comum é parte fundamental da formação intelectual das crianças, por exemplo. Trabalhar com alunos e alunas as representações que carregam sobre o meio

ambiente e os rios configura-se como fonte de estudo voltada à educação ambiental, pois os rios compõem a paisagem diária de muitos estudantes, o que os torna muito importantes como reflexão à pesquisa para além dos textos. Segundo Peter Burke (2004, p. 17) “imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais”. As imagens são construídas a partir da imaginação e esta é fomentada também com a leitura de textos, como os analisados aqui. O estudo da representação literária dos rios sugere um espaço para o desenvolvimento de trabalhos voltados à sensibilidade ambiental, posto que um rio trata-se, da mesma forma, de uma imagem ‘concreta’ no campo de visão, imagem essa muitas vezes pensada apenas por um viés científico. A educação, contudo, não é apenas ciência.

A ciência é, ao mesmo tempo, uma enorme caixa de ferramentas e, mais importante que suas ferramentas, um saber de como se fazem as ferramentas. O uso das ferramentas científicas que já existem pode ser ensinado. Mas a arte de construir ferramentas novas, para isso há de saber pensar. A arte de pensar é a ponte para o desconhecido. Assim, tão importante quanto a aprendizagem do uso das ferramentas existentes - coisa que se pode aprender mecanicamente - é a arte de construir ferramentas novas. Na caixa das ferramentas, ao lado das ferramentas existentes, mas num compartimento separado, está a arte de pensar. (Fico a pensar: o que as escolas ensinam? Elas ensinam as ferramentas existentes ou a arte de pensar, chave para as ferramentas inexistentes? O problema: os processos de avaliação sabem como testar o conhecimento das ferramentas. Mas que procedimentos adotar para avaliar a arte de pensar?) (Rubem Alves, *A educação dos sentidos*, 2005).

Infelizmente o modelo de escola que adotamos para construir nossa “independência” foi a escola moderna de origem eurocêntrica. Se tivéssemos nos inspirado na sabedoria educativa dos povos indígenas nossas escolas não seriam escolas-cárceles ou escolas-fábricas, seriam escolas-vidas. Esse paradigma da escola euro-ocidental, além de não se instigar e valorizar a arte do pensar, criar e inventar, como sugere Rubem Alves, professores e administradores são formatados para ensinar/disciplinar corpos e mentes das crianças e jovens para servidão do mercado do trabalho. Em todo percurso escolar, as crianças são condicionadas para desenvolver um modo de ver e pensar a natureza como objeto/recurso a ser explorada. Na escola que adotamos, só nos é permitido usar a caixa de ferramentas da mão direita (destreza e trabalho). “Mas há uma outra caixa, na mão esquerda, a mão do coração”, lembra Rubem Alves (2005, p. 9); e

essa caixa está cheia de coisas que não servem para nada. Inúteis. Lá estão um livro de poemas da Cecília Meireles, a "Valsinha" de Chico Buarque, um cheiro de jasmim, um quadro de Monet, um vento no rosto,

uma sonata de Mozart, o riso de uma criança, um saco de bolas de gude... Coisas inúteis. E, no entanto, elas nos fazem sorrir. E não é para isso que se educa? Para que nossos filhos saibam sorrir? Na próxima vez, a gente abre a caixa dos brinquedos...

No paradigma da escola tradicional/moderna, a “caixa de brinquedo” é desprezada, quando não proibida; e a poética do bem viver só é possível nas arestas do sistema escolar. Nas disciplinas de história, geografia e nas ciências, assim como nas engenharias que se aprende no “ensino superior”, os rios são objeto de memória e recursos potenciais para o desenvolvimento econômico de uma cidade ou país. Nossas crianças entram voando nas escolas, mas logo percebem que a escola que temos tem a forma de uma gaiola que lhes tira a vontade de voar, como ressalta Rubens Alves (2001)

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados têm sempre um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Temos uma escola-gaiola e necessitamos de uma escola-poética/escola-vida, ou seja, uma escola que ensine os caminhos para a reconexão com o mundo natural a partir do lugar onde vivemos. Escola e rio se comunicam diretamente (ou deveriam) devido à proximidade que se estabelece muitas vezes entre ambos. Se pensado como elemento presente na vida urbana, o rio é parte intrínseca de muitas cidades (basta lembrar-nos de quantas cidades e rios têm nomes homônimos). O rio por vezes é visto além de sua funcionalidade quando no ambiente urbano: cidade e rio identificam-se intimamente (COY, 2013, p.1). Por isso, fala-se em interface rio-cidade (Idem). Se, contudo, observarmos o rio longe da cidade, encontrá-lo-emos no rio da aldeia cantado por Alberto Caeiro (PESSOA, 2005, p. 113), pseudônimo de Fernando Pessoa, em contraste ao Tejo, importante rio de Portugal:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.
O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
[...]
A memória das naus.
[...]

Pelo Tejo vai-se para o mundo

A representação projetada do Tejo é de um grande rio, onde navios navegam e se vão pelo mundo. Um dado importante nos é oferecido aqui: a memória das naus. O rio é o lar de lembranças. A imagem do rio do “poeta rural” é de um rio livre:

Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso pertence a menos gente
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.
(PESSOA, 2005, p. 113)

É mais livre o rio porque a menos gente ele ‘pertence’. Mais que um elemento da paisagem, o rio é visto no poema como posse daqueles que o ladeiam, embora possamos refletir sobre a ideia de posse nesse verso de uma forma diferente, não apenas como propriedade de alguém. Nas sociedades tradicionais, como povos nativos do Brasil, ribeirinhos e quilombolas, a exemplo, as águas têm um sentido muito mais simbólico, tidas como um bem da natureza, ao passo que as sociedades urbanas conferem às águas um status de recurso ou bem de consumo (DIEGUES, 2007). Na cidade, a aglomeração populacional confere outras representações aos rios, regatos, córregos. Constantes notícias sobre inundações pelas cidades brasileiras conotam a presença do rio em meio ao caos urbano. O rio de Pessoa/ Caeiro não suscita tantas indagações: “O rio de minha aldeia não faz pensar em nada/ Quem está ao pé dele está só ao pé dele” (PESSOA, 2005, p. 113). Esse não-pensar pode ser entendido como um ato de liberdade, de livrar-se da necessidade de coisa alguma. Talvez alguma correlação com a liberdade imaginada pelo poeta Barlow citada acima ou mesmo Rimbaud. O filósofo francês Gaston Bachelard (2013, p. 9), por sua vez, traça uma imagem diametral, mas não oposta:

Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes.

Liberdade, felicidade, mistério. A imagem do rio evoca inúmeros sentimentos nas mais diversas sociedades que construíram suas histórias e memórias acerca de suas relações com a água. Elemento vital da natureza, elemento símbolo de vários devaneios, os rios contêm mais que suas histórias, a categoria

rio representa um sistema, indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre natureza e pessoas [...] o rio se apresenta como um sistema de ideias e imagens de representação que legitima e recupera posturas, portanto é um espaço social. (GANDARA, 2008, p. 112-113)

Tantas significações indicam o quão intrínseco é o rio para a humanidade. Como outros elementos da natureza, o ar, a terra, as matas e as rochas ou animais, cada um tem seu papel dentro das culturas humanas. Representados enquanto símbolos, personificados enquanto agentes do transcorrer da história humana, os rios têm o seu espaço garantido ao lado das realizações das mais diversas sociedades.

Os rios e a história: eterno vir a ser

Os rios sempre mantiveram um fascínio nas mais diversas sociedades humanas, e o fato de que pequenas e grandes civilizações desenvolveram-se às suas margens tornou-se um lugar-comum facilmente enunciado. Na história, seja a história do Brasil ou de outros países e mesmo na história das pequenas cidades, as relações entre seus habitantes e os elementos naturais são evocadas para recordar a sua presença.

Na história humana, grandes e pequenas sociedades antigas estabeleceram-se às margens de rios, como dito acima. Conforme Schama (1996), o rio Nilo era tão importante que influenciava o poder faraônico. O poeta Barlow via o culto das águas ligado ao culto da liberdade. Outros pensadores, de tendência marxista, por exemplo, observavam a posse dos rios como exercício direto do poder despótico. Por outro lado, o sagrado visto no rio oriental não superou o enfoque ocidental. Mesmo antimarxistas, como Wittfogel, viam os rios como elos vinculados diretamente ao poder, no caso dos regimes soviético e chinês.³

Aparentemente, pode-se pensar que os rios foram esquecidos durante a escrita da história, o que não é verdade. A história ambiental⁴, por exemplo, há algumas décadas vem desenvolvendo vários estudos no sentido de mostrar a relação entre natureza e cultura nas mais diversas sociedades. Essa aproximação abre “janelas para mútuas observações. Ponte para novos diálogos”, conforme Victor Leonardi (1999, p. 208). Às vezes um olhar mais amplo, segundo o mesmo autor, revela-nos mais sobre a história do que imaginamos. Como imaginar um Egito sem o Nilo? A “dádiva” dos deuses presente cada vez que se pensa nas dificuldades de viver no deserto. Ou como esquecer os rios Tigre e Eufrates, quando ainda crianças, na escola, estudamos sobre a Mesopotâmia? Enfim, são os rios

³ Todo o parágrafo foi escrito a partir da obra de Simon Schama citada.

⁴ Para Donald Worster (2003, p. 25), “a história ambiental lida com o papel e o lugar da natureza na vida humana. Ela estuda todas as interações que as sociedades do passado tiveram com o mundo não humano, o mundo que não criamos em nenhum sentido primário”.

espaços e lugares importantes na história de muitos povos e sociedades que exemplos não nos faltariam.

O rio na história é visto como o limite, separação, ou como o elemento de ligação, modelador do espaço humano, recinto dos mitos, valores, simbolismos, referência filosófica, metáfora poética, elo de organização do espaço, arcabouço completo para a pesquisa quando observada a inter-relação sociedade e natureza (SARAIVA, 1999). Nas palavras do poeta português Ruy Belo (apud SARAIVA, 1999, p. 47), “o rio dissimula em sua geografia a sua história”, percorrendo meandros que devem ser meticulosamente estudados por historiadores para encontrar na sua profundidade, nas suas margens ou superfície, a memória, os tempos idos, porque, continua o poeta, o rio “esconde nos acidentes naturais os seus conflitos e tragédias”.

Os conflitos e tragédias do poema nos remetem à ruína e decadência analisadas por Leonardi (1999) na Amazônia. Na distância do interior da maior floresta tropical úmida do mundo, os rios são extremamente relevantes no processo histórico, fundando mitos e histórias e fundindo-se à memória dos vilarejos e à história dos que habitaram e habitam suas margens. São os rios sujeito íntimos no existir dos ribeirinhos amazônicos. Recordando Maria das Graças Saraiva (1999, p. 48), “o fluir do tempo em comunidades enraizadas culturalmente no seu meio pode ser comparado, metaforicamente, com o fluxo das águas de um rio”. O fluxo do Nilo ditava o devir dos antigos egípcios, suas colheitas e economia, da mesma forma que rios orientavam o viver mesopotâmico, afinal, o ‘crescente fértil’ tão estudado nos livros didáticos relaciona-se diretamente à presença dos rios.

Na história do Brasil os rios representam um importante papel, às vezes relegados a um segundo plano, considerados apenas em seu aspecto geográfico⁵. Samuel Murgel Branco, por outro lado, traduz a existência dos rios de forma, digamos, emocionada, ao caracterizá-lo dentro dos limites das cidades. Domesticado pelas exigências práticas da vida urbana, “o rio se vinga: enche e transborda, provocando a inundação da cidade” (BRANCO, 1991, p. 22). Para Dora Shellard Corrêa (2008), os rios aparecem como itens decisórios na penetração do bandeirante no interior do Brasil, ligando-se, inclusive, em alguns aspectos, à criação de elementos identitários de nosso povo. Segundo a autora, historiadores como Capistrano de Abreu, Afonso de Taunay e Cassiano Ricardo analisaram a natureza e os rios na história brasileira apenas do ponto de vista do determinismo

⁵ Paulo Henrique Martinez (2007) assinala que os bandeirantes consideravam os rios “entraves para o progresso” por dificultarem a captura de índios. Entretanto, no século XVIII, as monções paulistas se utilizavam dos rios para explorar o ouro.

geográfico. Conforme Corrêa (2008, p. 53), “o papel dos rios foi viabilizar a história fixada pela natureza, pela posse do território”. Num exercício de imaginação histórica, podemos entender o quão fundamental foram os rios para que os bandeirantes e outros grupos conseguissem embrenhar-se no interior de um Brasil ainda tomado pela imensidão das matas. Contudo, alerta ainda a autora que tais historiadores não conseguiram exprimir outros valores além dos seus à época em relação aos rios e sua presença, mais do que física.

Os rios foram retratados genericamente, mais em função de suas diferenças em comparação aos rios europeus ou ao seu imaginário do que das peculiaridades em relação aos demais rios sul americanos. São descrições que estão mais para peças de literatura, do que para construções que buscam expressar objetivamente os dados constantes em documentação histórica. (CORRÊA, 2008, p. 57).

O rio foi “naturalizado” para a história. Antropomorfizado, ganhou ares “não naturais”, deixando de ser unicamente um aspecto geográfico e histórico na conquista dos sertões coloniais, elevando o colono e a civilização. Conclui a autora: “A natureza moldou esse colono, porém ao final foi dominada por ele, comprovando a grandiosidade do paulista na civilização do território que viria a formar o Brasil” (CORRÊA, 2008, p. 58). Se, por um lado, aqueles cientistas sociais trataram rios, natureza e até os índios como elementos *a*-históricos, coube a Sérgio Buarque de Holanda revisitar aquele momento do Brasil e conceder-lhe outro tratamento. Holanda escreveu uma história mostrando a presença do nativo e sua importância social. Não se prendeu a determinismos e soube visibilizar os aspectos naturais, como os rios, não apenas como elementos inertes (CORRÊA, 2008).

Os rios e as sociedades humanas entrelaçam-se em uma história que não pode se desvincular entre si em vários momentos. A necessidade vital da água fez o ser humano construir suas primeiras aldeias na proximidade dos leitos dos rios. Vivendo os rios, com eles se misturando em sua constituição, o ser humano povoou sua imaginação da simbologia ribeirinha nos mais diversos formatos, desenvolvendo aquilo que Gilberto Freyre (2004, p. 57) chamou de “quase uma mística da água”⁶. Essa dimensão quase mística surge em Bachelard, pois para o filósofo a água tem tanta importância em relação ao sentir-se no mundo – como Narciso, que viu, sentiu e se mimetizou consigo mesmo no mundo através do espelho da água – que ele desenvolve todo um raciocínio para finalizar:

⁶ A contribuição de Freyre ao pensamento ambiental está expressa no prefácio de sua conhecida obra *Nordeste*, de 1937 no momento em que o autor assinala tratar-se de “uma tentativa de estudo ecológico do nordeste do Brasil” (2004, p. 37).

“O verdadeiro olho da terra é a água” (BACHELARD, 2013, p. 33). Porque a terra é mais que um simples elemento, é um acontecer que reflete-se na vida das flores e animais e estes, por sua vez, refletem-se em conjunto com o céu nas águas. A água assume sua qualidade e Bachelard a envolve no frescor primaveril:

Fresca e clara é também a canção do rio. Realmente, o rumor das águas assume com toda naturalidade as metáforas do frescor e da claridade. As águas risonhas, os riachos irônicos, as cascatas ruidosamente alegres encontram-se nas mais variadas paisagens literárias. Esses risos, esses chilreios são, ao que parece, a linguagem pueril da Natureza. No riacho quem fala é a Natureza criança. (BACHELARD, 2013, p. 34-5)

A Natureza, os rios, se não falam propriamente dizendo, falam por seus interlocutores, poetas e escritores que, em seus exercícios imaginativos, emolduraram os rios de sentidos vários, de imagens e representações diversas. A seguir analisamos algumas dessas contribuições.

Lendo os rios: emanações literárias

Na literatura é recorrente a imagem do rio, ora como elemento da paisagem, uma presença marcante, ora como ente vivo, como o caso do rio Capibaribe, na obra de João Cabral de Melo Neto. Os rios – na pluralidade de todas as suas significações – enaltecem inúmeras narrativas com toda sua simbologia e a carga de significados que são atribuídos tanto aos rios quanto à água.

João Cabral de Melo Neto exibiu seu fascínio pelo Capibaribe, no estado de Pernambuco. Seu poema mais famoso sobre o tema intitula-se simplesmente “O rio”, porém nada há de simples no poema. Há a narrativa – o rio que narra sua epopeia – da serra, sua nascente, até o mar: “nascer já é caminhar/ Eu não sei o que os rios/ têm de homem do mar;/ sei que sente o mesmo/ e exigente chamar” (MELO NETO, 2009, p. 66). Descendo de sua nascente na Serra de Jacarará, o Capibaribe atravessa o sertão e desemboca no Atlântico, na capital Recife. Seu caminho é o sertão, sua paisagem, formada pelo humano e pelo natural. O rio-poema narra sua própria história.

O poema (...) não ficou detido numa simples representação do mundo exterior, numa espécie de cópia de um espaço histórico-geográfico. O rio representa o Capibaribe, mas (...) transfigura um mundo real e, como tal, deixou de ser apenas natureza, foi personificado, ganhou voz e pensamento, para ser também traduzido numa intencionalidade literária. (LIMA, 2006, p. 1901)

O rio é tomado como presença viva em meio ao árido sertão, por isso é o narrador de si mesmo. “Deixando vou as terras/ de minha primeira infância (...) Terras eu que abandono porque é de rio estar passando” (MELO NETO, 2009, p. 69). O rio, como personagem, diz sobre si ao dizer sobre o mundo que o cerca. Poeticamente, descreve a paisagem que se espalha por suas margens, como os outros rios “em que a água sempre está por um fio” (MELO NETO, 2009, p. 70), ou os pequenos povoados: “As vilas não são muitas e quase todas estão decadentes” (Idem, 2009, p. 71).

Ao longo do poema, o rio transmite uma tristeza desolada, “de pedra”, e outras vezes parece expor alguma alegria do contato humano: “Sou viajante calado, / para ouvir histórias bom (...) Sempre em qualquer viagem o rio é o companheiro melhor” (Idem, 2009, p. 72). Na verdade, vai o rio, espaço por espaço, descrevendo os lugares por onde passa, apresentando paisagens que se repetem por vezes, mas que também se dinamizam num movimento que é também típico do rio.

O rio, como sujeito, representa também o sertanejo, como presença e como personagem. É o sertanejo, como o rio, elemento importante e fundante da paisagem, que não seria a mesma sem ele ou sem o rio. Quando chega às “Terras de Limoeiro”, outro povoado, o rio destaca as durezas da vida: “Vou na mesma paisagem reduzida à sua pedra. A vida veste ainda sua mais dura pele. Só que aqui há mais homens para vencer tanta pedra, para amassar com sangue os ossos duros desta terra” (MELO NETO, 2009, p. 74). Rio e sertanejo se confundem e se fundem, formando o mesmo espaço que é por ambos dividido e vivenciado. Elementos como a usina, a mata, a pedra e o canavial, transportam no poema-rio a vivacidade do concreto abstraindo do leitor as imagens das pertinências da vida.

Contemplando sua existência, o rio torna-se sujeito de suas ações e, tomado pelo signo de uma antropomorfia, adquire atribuições e caráter humanos, como a contemplação das coisas e da natureza. Como um ser humano, observa o espetáculo da vida e manifesta diversos sentimentos. (LIMA, 2006, p. 1894)

O encontro com o mar é a dissolução individual no coletivo. O rio é, agora, a mistura de todos os rios. Sendo tudo, torna-se nada. De seu nascer na serra, encontra sua morte no mar, tal qual no conto de João Guimarães Rosa: nascer, viver para o nada. Todavia, esse nada da morte é passagem: ser nada é estar envolto no tudo, que é o mar, onde, um desejo do rio aparece em relação ao ser humano que o vê: “levar todos comigo, retirantes para o mar” (MELO NETO, 2009, p. 100).

João Guimarães Rosa é célebre por um de seus primeiros contos, “A terceira margem do rio”, que traz no título uma ideia estranha. Qual seria a terceira margem do rio? No conto se vê um ciclo, o pai que em sua canoa que vai e que vem constantemente depois que toma a decisão de se ir com a canoa para o meio do rio que se estende “grande, fundo, calado que sempre” (ROSA, 2005, p. 77).

Para Elide Oliver (2001), o conto de Guimaraes Rosa tem uma relação com o lembrar e o esquecer. O rio, como presença, evoca a história pela memória. É o rio do tempo, de todos. Mas o rio passa, o seu movimento entrega o individual ao esquecimento, “lembrar é estar vivo, é estar na superfície do rio” (OLIVER, 2001, p. 118). Assim como o narrador fala do seu pai que “se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele” (ROSA, 2005, p. 78), na superfície do rio com sua canoa, o pai que foi para “longe” da família (o rio ficava bem próximo de sua casa) estava sempre por perto ao mesmo tempo em que estava sempre “distante”, como uma memória indo e vindo. “Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo” (Idem, p. 81).

O conto pode ser lido também como uma “estória” sobre morte, porém a morte é aqui tratada muito mais simbolicamente do que literalmente. Um morrer “histórico”, como passagem para um renascer noutra plano. Oliver (2001) percebe o conto como a relação da vida com a morte e a canoa feita “como para caber justo o remador” (ROSA, 2005, p. 77), seria o fardo de cada pessoa na vida. Por fim o pai acena ao filho, quando ambos já envelheceram. A terceira margem seria o ponto de contato, “a superfície que se dá o encontro entre rio e homem”, conforme OLIVER (2001, p. 125).

Se o conto de Rosa nos fala da passagem da vida/morte como uma simbologia, em “*Menino do engenho*”, de José Lins do Rego (2009), o rio recebe outra conotação, menos melancólica. O primeiro contato do menino narrador da história com um rio em sua infância foi seu ‘batismo’:

Daquele banho ainda hoje guardo uma lembrança à flor da pele. De fato, para mim, que me criara nos banhos de chuviscos, aquela piscina cercada de mata verde, sombreada por uma vegetação ramalhuda, só poderia ser uma coisa do outro mundo. (REGO, 2009, p. 41)

O rio novamente adquire ares fantásticos, torna-se coisa de “outro mundo”, porém diferente do conto de Rosa, dotado de uma alegria infantil. A mesma alegria aparecia quando o tempo anunciava enchente:

O povo gostava de ver o rio cheio, correndo água de barreira a barreira. Porque era uma alegria por toda a parte quando se falava da cheia que

descia. E anunciavam a chegada, como se se tratasse de visita de gente viva: a cheia já passou na Guarita, vem em Itabaiana... (REGO, 2009, p. 55)

O rio era como “visita de gente viva”, como o rio-poema de João Cabral de Melo Neto, como seu “cão sem plumas” que atravessa a cidade, o rio atravessava o engenho e todas as propriedades. O rio continua vivo em cada imagem que dele é feita na literatura e nos faltaria espaço para recordar tantas outras representações. Cabe, ainda, uma ideia de Guimarães Rosa sobre o rio como evidência do que é: “rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade”⁷, como também para conjugar o ato de lembrar. Há muito mais que uma história em cada meandro dos nossos rios.

O Meio Ambiente, os rios e as águas nas margens da educação escolar

Ao pensar sobre o rio, há que se pensar sobre o elemento natural que o constitui em sua essência: a água. Da mesma forma que não podemos falar dos rios desconectados do ambiente como um todo, também podemos afirmar que ele é sempre mais do que puramente água, como vimos até agora. A água, elemento referenciado por Bachelard, Heráclito e outros filósofos, é tema constante de estudo em salas de aula, principalmente nas disciplinas de ciências do ensino fundamental e biologia no ensino médio. Apresentamos aqui uma breve discussão sobre essa temática a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN da educação básica.

Nos PCN de Ciências Naturais do terceiro e quatro ciclos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998a, p. 20) temos uma crítica às questões ambientais:

O modelo desenvolvimentista mundialmente hegemônico na segunda metade do século caracterizou-se pelo incentivo à industrialização acelerada, ignorando-se os custos sociais e ambientais desse desenvolvimento. Em consequência, problemas sociais e ambientais, associados às novas formas de produção, passaram a ser realidade reconhecida em todos os países, inclusive no Brasil. Os problemas relativos ao meio ambiente e à saúde começaram a ter presença nos currículos de Ciências Naturais, mesmo que abordados em diferentes níveis de profundidade.

Discorrendo sobre o final do século XX, o documento traz um discurso recorrente na atualidade evidenciando a necessidade de atualização do currículo escolar na área de ciências para o debate ambiental, inclusive algumas linhas à frente sugerindo a

⁷ Entrevista conduzida por Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos, em janeiro de 1965 e publicada em seu livro: **Diálogo com a América Latina**. São Paulo: E.P.U., 1973. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/GuimaraesRosa-1965.htm>. Acesso em 28 de abril de 2015.

aproximação das ciências naturais às ciências humanas, em especial à filosofia e à história. Por sua vez, os PCN de História apontam para a possibilidade de “por meio de trabalhos interdisciplinares, novos conteúdos podem ser considerados em perspectiva histórica, como no caso da apropriação, atuação, transformação e representação da natureza pelas culturas...” (BRASIL, 1998b, p. 33). Contudo, Regina H. Duarte (2005) sugere cautela na análise histórica que envolve tais processos, visto que a sociedade atual que elegeu o meio ambiente como seu tema mais pertinente também é a mesma que se tornou uma massa de consumidores vorazes. Entrementes, o estudo da história atualmente evidencia essa percepção que engloba as questões relativas à sociedade e à natureza, principalmente dentro da história ambiental, especialidade da história em que historiadores dialogam com diferentes ramos do conhecimento no sentido de construir outros saberes sobre as diversas relações que marcam o mundo da cultura humana em interação com o mundo natural. Segundo Duarte (2005, p. 31):

O fato dos historiadores terem dirigido suas indagações de forma tão sistemática à natureza, a ponto de criarem um novo “ramo” de estudos, demonstra muito bem como a produção do conhecimento histórico se faz em sintonia com seu próprio tempo.

Essa percepção que marca a pesquisa histórica influencia diretamente na organização dos PCN para a disciplina de História, fortalecendo ainda mais a necessidade de estudos por parte dos professores envolvidos para trabalhar na compreensão do processo histórico entre homem e natureza.

Exemplos de questões que podem orientar estudos, pesquisas e atividades diversas do subtema “As relações sociais e a natureza”: a produção e o consumo de alimentos; os sistemas de irrigação no campo; o abastecimento de água nas cidades e o saneamento urbano; as hidrelétricas, a produção de energia e a procura por novas fontes energéticas; os transportes nos rios, nos mares, na terra e no ar; as reservas naturais, as praias e as estâncias de água, o lazer e o turismo; a poluição da água, do ar, as campanhas ambientalistas; a sobrevivência das espécies e sua relação com o homem; a natureza no espaço doméstico; parques e rios nas grandes cidades; a natureza na arte; o imaginário sobre as águas, os rios, os mares e as florestas; o regime de propriedade privada e a posse coletiva da terra; os mitos e a religiosidade que falam da relação do homem com a natureza; o tempo medido pelo relógio e outras concepções de tempo. (BRASIL, 1998b, p. 56-57)

Em um único parágrafo nota-se um alcance de vulto sobre a história – de cunho ambiental, inclusive – apontando para temas mais recorrentes em outras disciplinas, como Ciências ou Geografia. Isso apenas fortalece a ideia da interdisciplinaridade em sala de

aula e a percepção direta da interligação entre temas que durante muito tempo foram considerados típicos de um único domínio. Na continuidade da explanação sobre “as relações sociais, natureza e terra” (p.57-58), os PCN de História elencam diversos subtemas relacionando intrinsecamente a história à natureza e à interação humana: extração e transformação, visão dos povos indígenas e europeus, religião e mitos, alimentação, apropriação da natureza como recurso, paisagem urbana e rural, usos da água e vários outros. A percepção histórica desvela o quanto a sociedade humana insere de significados no mundo ao seu redor e, recordando Duarte (2005, p. 76), “ao fazer isso, os homens extrapolam suas necessidades biológicas, inventando inúmeras outras”. Podemos vislumbrar o horizonte de ideias que decorrem da necessidade de se repensar as disciplinas a partir do olhar ambiental quando os PCN de Ciências Naturais, por exemplo, evocam uma dimensão mais integral de conhecimento científico:

Na educação contemporânea, o ensino de Ciências Naturais é uma das áreas em que se pode reconstruir a relação ser humano/natureza em outros termos, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência social e planetária. Um conhecimento maior sobre a vida e sobre sua condição singular na natureza permite ao aluno se posicionar acerca de questões polêmicas como os desmatamentos, o acúmulo de poluentes e a manipulação gênica. Deve poder ainda perceber a vida humana, seu próprio corpo, como um todo dinâmico, que interage com o meio em sentido amplo, pois tanto a herança biológica quanto as condições culturais, sociais e afetivas refletem-se no corpo. Nessa perspectiva, a área de Ciências Naturais pode contribuir para a percepção da integridade pessoal e para a formação da autoestima, da postura de respeito ao próprio corpo e ao dos outros, para o entendimento da saúde como um valor pessoal e social e para a compreensão da sexualidade humana sem preconceitos. (BRASIL, 1998a, p. 22)

Posto dessa forma, aos olhos acostumados com uma realidade escolar bem diversa, parece-nos algo muito muito distante, porém, cabe ressaltar a relevância dessa concepção para práticas educativas que visem discutir as relações sociedade e meio ambiente. Para além de um programa meramente enciclopédico, as propostas apresentadas nos PCN oferecem aos educadores em geral oportunidades compreensivas mais integradoras quando pensadas as questões ambientais.

O tema “água” aparece ainda como “recurso” a ser abordado no ensino fundamental a partir do eixo temático “tecnologia e ambiente” (BRASIL, 1998a, p. 78-83) para o terceiro ciclo (hoje equivalente ao sexto e sétimo ano) nos seus usos domésticos, pensando-a como água potável tratada e suas relações com a rede elétrica, bem como discutindo também a higiene. Esse eixo liga-se a outro, “vida e ambiente”, e traz, já no quarto ciclo (o

equivalente ao oitavo e nono ano), uma visão mais abrangente sobre o tema água, que a aborda desde seus estados físicos, a poluição e sua destruição em diferentes locais do planeta além do estudo de seu ciclo (p.100-101). Continuando, no eixo temático “tecnologia e sociedade”, a água aparece novamente pensada a partir de seu uso humano e comparada à uma máquina:

O ciclo da água, essa grande máquina térmica tocada a energia solar, além de alimentar os rios, e com eles a fertilização agrícola pela irrigação das margens, gera o meio dinâmico onde vivem os peixes, que também são alimento. Uma vez represado em grandes comportas, esse mesmo ciclo possibilita a hidreletricidade. Os mais diversos processos industriais utilizam a água, seja diretamente, seja para a limpeza ou para refrigeração. (BRASIL 1998a, p. 109)

A narrativa prossegue relembrando a importância de se pensar as questões relativas à água a partir do local de vivência dos alunos. Entretanto, o enfoque é muito voltado ao industrial e econômico, mostrando uma sensibilidade tipicamente utilitarista – o peixe visto como alimento unicamente – o que nos recorda o estudo de Keith Thomas (1986) sobre a mudança de sensibilidades ocorrida na Inglaterra por volta do século XVIII em relação aos animais. Os peixes, no caso, por não mudarem de expressão, ficaram à margem dos sentimentos humanos pela dor dos animais, confirmando o olhar antropocêntrico sobre o meio ambiente.

Outro ponto, porém, a ser evocado quando das relações ser humano e natureza contempladas pelos PCN, incita-nos um olhar para a disciplina de Geografia, pois, assim como em Ciências Naturais e História, o local de vivência do aluno é apontado como de fundamental importância aos estudos ambientais. “A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações” (BRASIL, 1998c, p. 26), portanto essa disciplina tem uma ligação muito forte com o meio ambiente e a forma como os seres humanos relacionam-se com ele. A paisagem, por exemplo, é um dos conceitos centrais na disciplina geográfica e adquire um espaço de extrema importância quando focada pelas questões ambientais, desde o local de origem dos alunos até sua intrínseca relação com questões globais.

A proposta de Geografia para estudo das questões ambientais favorece uma visão clara dos problemas de ordem local, regional e global, ajudando a sua compreensão e explicação, fornecendo elementos para a tomada de decisões e permitindo intervenções necessárias. (BRASIL, 1998c, p. 46)

Mesmo não sendo enfático quanto aos rios e águas, no que tange ao meio ambiente, pode-se afirmar que os PCN de Geografia englobam diversos pontos, e não poderia ser diferente. Como nossa proposta não é de aprofundamento, mas tão somente demonstrar o lugar do meio ambiente, rios e águas na educação escolar, percebe-se neste ponto que outras possibilidades de análise emergem quando de um olhar mais aprofundado perante os documentos que direcionam a prática escolar no Brasil. Entretanto, não basta ancorarmos nosso olhar apenas no que oficialmente é aceito, posto que poderemos deixar de perceber outros olhares que compõem as diferentes paisagens que são alcançadas por nossos sentidos.

Conclusão

Refletindo sobre nossa época, como os rios vivem sufocados entre as construções das cidades e mesmo entre as diversas lavouras, cabe ressaltar a importância da análise sócio-histórica de tais elementos naturais. Permeadas por questões ambientais de risco e magnitude jamais enfrentadas, grandes metrópoles e também pequenas cidades sofrem com crises recorrentes à utilização da água, notadamente dos rios que as abastecem.

O meio ambiente emergiu nos debates internacionais com fôlego nas décadas finais do século XX e gradualmente a educação escolar foi incorporando o conhecimento do mundo natural para além das ciências naturais, como biologia, química ou da geografia. As evidências do impacto e das consequências negativas da ação humana no planeta reverteram em diversas discussões e à educação coube repensar suas práticas, incorporando as relações humanidade X natureza concomitante ao conteúdo específico das disciplinas. Para Isabel Carvalho (2001) o/a educador/a ambiental vai além de um simples sujeito: quando analisa e trabalha questões ambientais não o pode fazê-lo desvinculado do próprio ambiente, pois faz parte do próprio ambiente. Segundo a autora, é preciso esvair-se do sujeito-observador e migrarmos para um sujeito-intérprete, que “estaria diante de um mundo-texto, mergulhado na polissemia e na aventura de produzir sentidos a partir de seu horizonte histórico” (CARVALHO, 2001, p. 31). Se a educação escolar permite e exige de alunos e alunas interpretação e reinterpretação constante, porque não abrir-se pensar e repensar as formas como os rios foram descritos, vivificados e refletidos no passado e mesmo no presente?

Uma proposta educativa que vislumbre a presença dos rios em meio a humanidade deve também levar em consideração o seu oposto: a presença humana entre os rios. Se, contudo, buscarmos um ângulo mais amplo, podemos inclusive desfazer tal oposição e

pensarmos os rios e na humanidade como o conjunto que formam, ao invés de acrescentarmos uma relação de distância onde o que existe é, em muitos casos, uma relação de afetos.

Referências

- ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- _____. **Gaiolas e asas**. São Paulo, Folha de S. Paulo, Tendências e debates, 05/12/2001.
- ARRUDA, Gilmar (org.) **A natureza dos rios: história, memória e territórios**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação e da matéria**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BONIFÁCIO, José. **O pensamento vivo de José Bonifácio**. São Paulo: Martins Editora, 1965.
- BOURRE, Jean-Paul. **Princípios de vida: tradição indígena norte-americana**. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 2005.
- BRANCO, Samuel Murgel. **Poluição: a morte de nossos rios**. 2. ed. São Paulo: Ascetesb, 1983.
- _____. **Ecologia na cidade**. São Paulo: Moderna, 1991.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental/Ciências Naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental/História**. Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental/Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998c.
- BRUNI, José Carlos. A água e a vida. In: **Tempo Social**, Rev. Sociol. USP, S. Paulo, v. 5, n. 1-2, p.53-65, 1993 (editado em nov. 1994). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/84942/87671>. Acesso em 8 de março de 2016.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- CORRÊA, Dora Shellard. Os rios na formação territorial do Brasil: considerações sobre a historiografia paulista. In: ARRUDA, Gilmar (org.). **A natureza dos rios: história, memória e territórios**. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 47-72
- COY, Martin. **A interação rio-cidade e a revitalização urbana: experiências europeias e perspectivas para a América Latina**. Confins. [Online], 18 | 2013, Disponível em: <http://confins.revues.org/8384>. Acesso em 16 de abril de 2015.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras**. São Paulo, I Encontro Internacional Governança da Água, novembro 2007. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/simbolagua.pdf>. Acesso em 26 de maio de 2017.

- DUARTE, Regina Horta. **História e natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba: sua figuração humana e poética. **Revista Mosaico**, v. 1, n. 2, p.112-122, jul./dez., 2008. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/570/454>. Acesso em 16 de abril de 2015.
- LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios**: natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15, 1999.
- LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. O discurso do poema “O rio” de João Cabral. In: **Anais da XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos**, p. 1887-1904, 2006. Disponível em: <http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/ArquivosUpload/18/file/O%20Rio%20de%20Jo%C3%A3o%20Cabral.pdf> . Acesso em 14 de abril de 2015.
- MELO NETO, João Cabral de. **Poemas para ler na escola** (seleção e apresentação Regina Zilberman). Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MORE, Thomas. **A Utopia**. Trad. Luís de Andrade. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- OLIVER, Elide V. “A terceira margem do rio”: fluxo do tempo em Guimarães Rosa (com reflexões em Drummond de Andrade). **Revista USP**, São Paulo, n. 49, p. 114-125, mar/mai 2001. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/49/08-elide.pdf>. Acesso em 14 de abril de 2015.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- RIMBAUD, Arthur. **Uma estadia no inferno/Poemas escolhidos/Carta ao vidente**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto. **O rio como paisagem**: gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- SCHAMA. Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TOMMASINO, Kimiye. Concepções simbólicas da água e dos rios na mitologia e na história dos Guarani e Kaingang. In: ARRUDA, Gilmar (org.). **A natureza dos rios**: história, memória e territórios. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 209 – 226.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- VERUNSCHK, Micheline. **Rio abaixo, rio afora, rio adentro**: os rios (2008). Disponível em: <http://novo.itaucultural.org.br/materiacontinuum/abril-2008-rio-abaixo-rio-afora-rio-adentro-os-rios/>. Acesso em 15 de abril de 2015.
- WORSTER, Donald. Pensando como um rio. In: ARRUDA, Gilmar (org.) **A natureza dos rios**: história, memória e territórios. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 27-46.

Submetido em: 04-07-2017.

Publicado em: 31-08-2017.